

A etnografia na educação: *Reflexões sobre a metodologia adotada em pesquisa no âmbito do ensino fundamental*

Alice Fátima Martins *

iniciei o Mestrado em Educação em 1995, na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB. O Programa de Pós-Graduação passava, então, por um processo de reestruturação, de modo que a turma de mestrandos daquele ano vivenciou um período de transição entre o regimento e currículo antigos e os novos. Nesse período intermediário, foi construído o referencial teórico próprio do objeto de estudo de cada mestrando e a respectiva metodologia de pesquisa.

A etnografia mostrou-se como a opção metodológica mais adequada para o assunto proposto por mim: *o desenho reproduzido e a formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental*. Para fundamentar minha escolha, contei com a orientação consistente da Professora Iria Brzezinski, a interlocução crítica com o Professor Virgílio Aragón, o aporte de outros professores em espaços abertos em algumas disciplinas, especialmente *Atividades Programadas I* e *Pesquisa em Educação II*, além de estudos nos campos da Antropologia, Etnometodologia, Pesquisa Qualitativa, Etnografia e Etnografia na Educação.

Neste artigo, a premissa é compartilhar algumas reflexões sobre a etnografia enquanto metodologia de pesquisa aplicada à Educação, tendo

* Aluna do Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

como referência questões enfrentadas no decorrer da pesquisa por mim desenvolvida.

Caminhos da Etnografia na Educação e a Questão da Cultura

Na pesquisa em Ciências Sociais e, sobretudo, na Educação, as abordagens qualitativas constituem um conjunto de possibilidades metodológicas alternativo aos métodos denominados, correntemente, quantitativos. Geralmente, entende-se por métodos qualitativos de pesquisa aqueles que não restringem a fundamentação de seus achados científicos a dados estatísticos, mas priorizam a interpretação do evento ou fato pesquisado, considerando, inclusive, as percepções subjetivas do(s) pesquisador(es) e pesquisado(s). A pesquisa quantitativa solicita, do pesquisador, distanciamento em relação ao objeto de estudo, bem como a comprovação dos fatos mediante dados objetivos, passíveis de demonstração e comprovação.

À "aridez" objetiva dos números, aparentemente, opõe-se a "flexibilidade" das percepções e interpretações subjetivas. O confronto entre as duas tendências, equivocadamente, faz parecer que *qualidade* e *quantidade* são conflitantes e auto-excludentes na produção de conhecimento sobre a realidade. Bem além das polarizações entre os conceitos qualitativo e quantitativo, cada objeto de estudo reivindica determinada abordagem metodológica de pesquisa, sendo necessário que se reconheça, a cada intenção de pesquisa, os pressupostos e procedimentos que contemplem as suas especificidades.

Sobre pesquisa qualitativa e etnografia em Educação, Wolcott (1991) observa que o fato de o pesquisador adentrar o universo a ser pesquisado munido de instrumentos para observar/participar, entrevistar/indagar e estudar documentos/ bibliografia referencial caracteriza uma conduta típica da pesquisa qualitativa que não necessariamente se defina como etnográfica. Segundo o autor, a pesquisa etnográfica é aquela que *interpreta os dados coletados em campo através do enfoque cultural, ou seja, busca na cultura o suporte para a compreensão da realidade pesquisada* (p. 21). E acrescenta que as categorias observação, entrevistas, estudo de documentos/bibliografia referencial constituem as técnicas básicas na coleta de dados em todas as modalidades da pesquisa qualitativa.

No Brasil, Lüdke (1986) e André (1986, 1995) têm desenvolvido estudos sobre a pesquisa qualitativa e etnográfica na Educação. Frequentemente, suas concepções são adotadas como sustentação metodológica em projetos de pesquisa na área educacional. Em *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas* (Lüdke e André, 1986), diferentemente do pensamento de Wolcott (1991), as autoras não apontam a análise dos dados suportada pela referência cultural como determinante na pesquisa etnográfica. Em produções mais recentes, André (1995) deteve-se na discussão sobre as raízes antropológicas da etnografia e as implicações da adoção dessa modalidade de pesquisa no ambiente educacional. Admitindo que, etimologicamente, o termo *etnografia* significa *descrição cultural*, a autora afirma que "o que se tem feito pois é uma adaptação da etnografia à educação" (p. 28), concluindo que, ao invés de pesquisa etnográfica em Educação, têm sido desenvolvidos "estudos de tipo etnográfico" (p. 28), que fazem uso das técnicas de pesquisa tradicionalmente associadas à etnografia e, também, admitem a interação entre o pesquisador e objeto pesquisado, bem como enfatizam processos, no lugar de produtos, na busca da visão pessoal dos participantes.

Evidencia-se um descompasso entre a compreensão da etnografia, do ponto de vista dos antropólogos e/ou educadores, que têm na antropologia seus principais referenciais teóricos de pesquisa, e educadores, que tomam da etnografia recortes específicos para montar suas próprias estratégias e perfis de pesquisa. Esses recortes tornam-se tão mais vulneráveis às críticas, quanto mais se distanciem das questões da cultura.

A despeito dos avanços na discussão sobre pesquisa etnográfica na Educação, a interpretação cultural dos dados permanece sem receber maiores destaques entre educadores e pesquisadores em Educação. A relevância desse aspecto é sustentada por Forquin (1993), ao afirmar que há uma relação íntima entre Educação e Cultura, visto que o "conteúdo que se transmite na educação é sempre alguma coisa que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, o que nos autoriza a dar-lhe o nome de cultura" (p. 10), ao mesmo tempo que "toda educação, e em particular toda educação de tipo escolar, supõe sempre na verdade uma seleção no interior da

cultura e uma reelaboração dos conteúdos da cultura destinados a serem transmitidos às novas gerações" (p. 14).

Mas é preciso evitar qualquer conclusão prematura que suponha esgotada a discussão em torno da pesquisa etnográfica a partir de sua definição como interpretação cultural, pois não há consenso sobre a conceituação de *cultura*, tampouco sobre o enfoque cultural para a análise dos dados e das relações entre Cultura e Educação. Salort (1997) observa que o termo *cultura* permite análises múltiplas: pode ser entendida desde o seu sentido mais literal, no latim, que significa *cultivo*, até as tantas interpretações científicas de acordo com a área de estudo que faça uso dele.

Azevedo (1996), na introdução de *A Cultura Brasileira*, publicada em 1945, refere-se à variedade de sentidos atribuídos ao termo *cultura*, adotando-o no sentido da "produção, conservação e do progresso dos valores intelectuais, das idéias, da ciência e das artes, de tudo enfim que constitui um esforço para o domínio da vida material e para a libertação do espírito" (p. 34). Essa dimensão mais idealista é questionada por alguns antropólogos e pesquisadores, tais como Margaret Mead, para quem o termo designa "não somente as tradições artísticas, científicas, religiosas e filosóficas de uma sociedade, mas também suas técnicas próprias, seus costumes políticos e os mil usos que caracterizam a vida cotidiana" (JAPIASSU e MARCONDES, 1993, p. 63).

Canclini defende que o conceito de *cultura* deva ser compreendido na própria estrutura social. O autor restringe o termo *cultura* à "produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido" (1983, p. 29). Na sua tradução, tal assertiva admite que toda produção de significações está inserida em estruturas materiais de produção da vida social. As práticas sociais, e aí, as diversas práticas pedagógicas, podem ser entendidas, simultaneamente, como econômicas e simbólicas. Assim, a cultura pode ser interpretada como instrumento de reprodução da estrutura social, nas suas relações de produção e de instalação de poder.

Como se pode observar, a análise dos dados a partir da abordagem cultural abre um amplo leque de discussões e possíveis conceituações de cultura que definem diferentes orientações para o desenvolvimento dos estudos propostos segundo essa metodologia de pesquisa.

Desenho Reproduzido e Cultura Escolar em Estudo: reajustando conceitos e trajetórias etnográficas

Inicialmente, optei pela pesquisa etnográfica por entendê-la sensível a um conjunto mais amplo de informações a respeito do universo cultural escolar. As técnicas oferecidas pela pesquisa qualitativa forneceram os referenciais de estudo e coleta de dados previstos: observação do uso do *desenho reproduzido* em uma turma de primeira série; entrevistas com profissionais das Escolas de Formação nas quais estudaram os docentes cujas práticas foram observadas; entrevistas com os profissionais da escola onde foi desenvolvida a observação; estudo da história de formação dos professores de séries iniciais no Brasil, localizando, nessa formação, o *desenho reproduzido*.

Após redimensionar a metodologia de pesquisa e sua fundamentação, passei a analisar o *desenho reproduzido* enquanto componente constituidor da cultura escolar. Considerei, por um lado, que as imagens escolhidas pelos professores como meio de comunicação didático-pedagógico são carregadas de significação: idéias, emoções, valores, modelos cultural e historicamente contextualizados. A sua escolha segue critérios educacionais e comunicacionais estabelecidos individual e coletivamente de acordo com a identidade da comunidade escolar. Por outro, busquei na tradição histórica da formação de professores as origens de condutas e concepções sobre o uso do *desenho reproduzido* nas séries iniciais, bem como os mecanismos para a manutenção desses princípios, que explicam/justificam a sua adoção na dinâmica escolar ao longo do tempo.

Na interação com os sujeitos da pesquisa, ao traduzir os pressupostos iniciais para procedimentos práticos, deparei-me com algumas questões que merecem destaque.

Uma dessas é a neutralidade do pesquisador. Durante as observações, ficou evidente que a neutralidade, reivindicada como

condição de cientificidade na coleta de dados, deve ser relativizada. Ainda que a pesquisa não pressuponha a observação participativa, a mera presença do observador no ambiente estabelece diferenciais em relação ao mesmo ambiente sem o observador. Além do que, os eventos são relatados do ponto de vista do pesquisador: sua localização geográfica no ambiente físico, sua formação pessoal/profissional e sua visão de mundo. Isso implica a inevitável interação (ainda que regulada) entre suas referências individuais/culturais com as referências individuais/culturais dos sujeitos do ambiente pesquisado.

Outra questão refere-se aos "pré-conceitos" que o pesquisador leva consigo para o campo. É questionável supor que ele possa "desvestir-se" completamente de suas convicções pessoais e profissionais. Contudo, é fundamental que ele flexibilize o seu ponto de vista, de modo a permitir que o ponto de vista do(s) pesquisado(s) seja percebido com o menor nível de distorção possível. Teço tais considerações a partir do assunto por mim proposto para ser pesquisado: o *desenho reproduzido*, que é objeto de duras críticas, sobretudo por parte de professores de Arte. Sou professora de Arte e tendo a compartilhar de tais críticas. Meu "pré-conceito" foi um elemento dificultador para a explicitação do assunto de pesquisa junto aos profissionais que integravam o universo da pesquisa: como expor abertamente um assunto em relação ao qual eu tinha uma avaliação, *a priori*, negativa? Como analisar essa realidade, observando os referenciais histórico-culturais das práticas pedagógicas, se, a ela, antepunha as minhas próprias concepções? Desfazer-me do "pré-conceito", sem, contudo, pretender abrir mão dos meus pontos de vista, foi condição fundamental para a minha chegada e integração ao contexto da escola, de modo a estar apta para esclarecer intenções, procedimentos, sem "esconder o jogo" àqueles que me acolheram, enquanto pesquisadora, em seu ambiente de trabalho.

Na interlocução estabelecida entre pesquisador e membros do universo pesquisado, configura-se uma troca de informações tão mais rica quanto mais desprovido de tais "pré-conceitos" esteja o pesquisador. À comunidade que se dispõe a abrigá-lo deve ser explicitado o objeto de estudo, retornado o resultado da pesquisa e o conhecimento construído, em linguagem acessível e contributiva para a melhoria do ensino oferecido, razão primaz que deve(ria) mover as intenções das pesquisas em Educação.

Feitas essas observações, julgo importante registrar e agradecer a acolhida por parte dos alunos e das professoras no ambiente escolar pesquisado.

À guisa de conclusão

Diante do relatado, qualifico o estudo desenvolvido por mim como pesquisa qualitativa com recortes da etnografia, ou seja, um estudo de *tipo etnográfico*, conforme define André (1995).

Sobre pretensões metodológicas, convém lembrar a figura da *árvore da pesquisa qualitativa* proposta por Wolcott (1991) para representar a estrutura e as ramificações da pesquisa qualitativa. As técnicas básicas de coleta de dados encontram-se na base da árvore, alimentam-na, dão-lhe sustentação. Os galhos representam as tantas possibilidades metodológicas na pesquisa qualitativa, entre elas, a etnografia. Aos iniciantes, recomenda-se que não busquem galhos muito altos já nas primeiras incursões no universo das pesquisas, para que sejam evitadas as quedas desastrosas.

A sabedoria popular, desde há muito, adverte que "mais alto o coqueiro, maior é o tomo... do coco, afinal..."

Referências bibliográficas

- ANDRÉ, Marli E. D. A. *Etnografia na prática escolar*. Campinas: Papyrus, 1995.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. Brasília: Editora UnB, 1996. (1a. edição: 1945).
- FORQUIN, Jean Claude. *Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- JAPIASSU, Hilton e MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

- LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- SALORT, Ramón Cabrera. *Escuela y culturas populares*. Pedagogia 97, ANAIS. Cuba: IPLAC, 1997.
- WOLCOTT, Harry F. "Posturing in qualitative research". In: *The handbook of qualitative research in education*. Academic Press, INC. San Diego, California, 1991.

RESUMO

Este artigo apresenta algumas reflexões sobre a escolha da etnografia como opção metodológica adequada à pesquisa educacional. Com base na etnografia, estuda a formação do professor das séries iniciais do ensino fundamental, localizando o "desenho reproduzido" como componente constituinte da "cultura escolar".

ABSTRACT

This paper presents some reflections on ethnology as an appropriate methodology for educational research. Based on ethnology, the article studies the formation of teachers of first grades elementary school and placed the "reproduced drawing" as a component that constitutes the "school culture".